

HISTORIK 2: ENTREVISTA COM O PROFESSOR JÖRN RÜSEN

ENTREVISTADOR E TRANSCRITOR: Prof. Dr. Luiz Sérgio Duarte da Silva.

Doutor em História e Docente da Universidade Federal de Goiás

sergio.duarte.ufg@gmail.com

TRADUTORES: Elbio Roberto Quinta Junior.

Mestrando em História (Bolsista Capes)

elbioquinta@gmail.com

Sabrina Costa Braga.

Mestranda em História (Bolsista Capes)

sabrinacostabraga94@gmail.com

É inegável a influência dos conceitos, dos debates, propostos pelo Professor Jörn Rüsen nas discussões sobre o campo teórico histórico, no Brasil. Sua trilogia sobre Teoria da História (Razão Histórica, Reconstrução do Passado e História Viva) apresentam conceitos fundamentais às perspectivas do conhecimento histórico à além do meio acadêmico.

Conceitos como *Consciência Histórica*, *Didática da História* e *Ensino de História* mostram-se básicos para pesquisas em torno de uma visão, de uma dimensão funcional à História, bem como para quem dela se ocupa: o historiador profissional. Esta entrevista, conduzida e transcrita pelo Prof. Luiz Sérgio Duarte da Silva, da Universidade Federal de Goiás, tem como ponto de partida o novo livro escrito pelo Prof. Rüsen, “Teoria da História 2”, ou “*Historik 2*”, em alemão.

Todavia, conforme for avançando pela entrevista, abaixo traduzida do inglês, o leitor perceberá que as perguntas, feitas pelo Prof. Luiz Sérgio, assim como as respostas dadas por Rüsen, permitem um aprofundamento da noção do que seja a História, e sua funcionalidade à vida humana. Podemos perceber isso, seja na perspectiva da História, enquanto disciplina acadêmica, metodologicamente regida, e suas origens no Historicismo Alemão, quanto à necessidade do posicionamento da Teoria da História, e do historiador profissional, frente aos problemas contemporâneos. Esperamos que os leitores

possam retirar reflexões frutíferas das explicações e questionamentos sobre o *Conhecimento Histórico*, levantados pelo Prof. Rüsen durante a entrevista, bem como as metodologias racionalmente pensadas à construção de uma *Ciência Histórica*, enquanto conhecimento funcional.

S.D.: Nós estamos em Bohën, na casa do Prof. Rüsen. Essa entrevista é sobre o seu novo livro. O novo livro se intitula Teoria da História 2. Professor, qual a diferença entre *Historik 1* e *Historik 2*, ou entre Teoria da História 1 e Teoria da História 2?

Rüsen: Bem, a diferença é de vinte anos. Minha primeira publicação sobre uma Teoria da História geral foi há aproximadamente vinte anos e, durante esses vinte anos, eu tenho desenvolvido minhas ideias, mudei alguns argumentos, encontrei novos problemas e respostas a esses problemas. Então, de certo modo, é uma nova versão, mas os principais aspectos, bem como as perguntas e respostas fundamentais, permaneceram. Eu espero que a linguagem tenha mudado um pouco, porque o primeiro livro tem uma linguagem muito mais acadêmica. No segundo livro eu fiz o que pude para tornar mais fácil o entendimento.

Adentrando em detalhes, torna-se um tanto complicado. No segundo livro, foram discutidas algumas dimensões e questões filosóficas básicas, as quais não se encontram na primeira versão da minha Teoria da História. Principalmente, a questão da Filosofia da História, e uma concepção muito mais complicada e muito mais diferenciada, relativa ao que se trata sobre a cultura histórica.

S.D.: Bom. Primeiramente, nós podemos falar sobre essa Filosofia da História, essas três dimensões da Filosofia da História. Falemos sobre a dimensão *material*, *formal* e *funcional* da Filosofia da História. Você pode falar um pouco sobre estes temas?

Rüsen: De fato, existem três dimensões da Filosofia da História. As duas primeiras estão bem estabelecidas na filosofia. A primeira é chamada de filosofia material da

história, que lida com os principais aspectos do passado que nós chamamos “*história*”. De certa forma, é uma *super-narrativa* que apareceu como um discurso filosófico especial no final do século XVIII na maioria dos países europeus. Por exemplo, no final do século XVIII, o Iluminismo Escocês discutia sobre história teórica ou hipotética, enquanto na Alemanha tivemos uma intensa discussão sobre filosofia da história. Personalidades proeminentes contribuíram para tal: penso que todos conhecem o pequeno e famoso ensaio de Kant, “Ideia de uma História Universal de um Ponto de Vista Cosmopolita”; Johann Gottfried von Herder também participou, bem como historiadores muito famosos naquela época, pertencentes à Universidade de Göttingen, como Schlözer, dentre outros. Foi um discurso bastante difundido, principalmente nas bases filosóficas altamente elaboradas. A tradição dessa filosofia da história tem, como já sabido, Hegel e Marx como dois de seus representantes mais proeminentes. É um discurso que existe até hoje, mas que se tornou bastante desacreditado, porque os estudos históricos, enquanto disciplina acadêmica estabelecida, eram muito céticos quanto à validade cognitiva dessa filosofia material. Os historiadores profissionais estavam convencidos de que só eles eram capazes de produzir conhecimento sólido e empírico, e os filósofos não. Essa é a filosofia material da história. A outra é uma resposta à perda de credibilidade da filosofia material. Agora, é claro, há muitas questões ainda. Pergunta-se: “o que é história?” Qual o caminho específico do pensamento histórico, comparando com outros pensamentos, em termos de cognição, como se encontra nas ciências naturais? A filosofia formal da história analisa agora o modo como os historiadores pensam, a maneira como os historiadores representam o passado. Essa filosofia iniciou-se através da questão básica do status dos estudos históricos. Em língua alemã nós chamamos esse status de “*Wissenschaft*”, em inglês a palavra “*science*”, tem um significado muito mais neutro, embora falemos em ciências sociais, falar em *ciência histórica* não é algo estabelecido, o que em outra língua não é um problema. Se colocarmos a questão: “podemos pensar que os estudos históricos tem um status acadêmico comparável às ciências naturais, tão objetivo, tão válido e aceito universalmente ou não? Qual a diferença entre o pensamento histórico e o pensamento natural? Entre as ciências

e as outras disciplinas acadêmicas?” A resposta a essa pergunta é a resposta da *Filosofia Formal da História*. No início, foi feito de forma epistemológica. Os maiores representantes dessa forma foi Wilhelm Windelband e Heinrich Rickert que enfatizaram a diferença lógica entre as ciências naturais e as humanidades. Rickert disse, de forma resumida: “as humanidades estão interessadas no fenômeno individual, em eventos específicos que aconteceram no passado”. As Ciências naturais estariam interessadas em fenômenos mais universais. Portanto, à lógica do pensamento, o discurso nesses diferentes campos do ensino é muito diferente. Individualização, por um lado e generalização, por outro. Esse discurso epistemológico dominou a filosofia no século XIX. Um representante notável dessa filosofia formal da história e, ao mesmo tempo, começando outra filosofia, sendo um respeitável sociólogo, foi Max Weber. Weber analisa a lógica específica das ciências sociais e humanidades e usando os argumentos de pessoas como Rickert e outros, ajudou a produzir a *Filosofia Formal da História*. Então tivemos um novo período com uma filosofia analítica que fazia a mesma pergunta, questionando a racionalidade dos estudos históricos em comparação com a racionalidade das ciências naturais. Um filósofo muito famoso, nesse campo foi Karl Gustav Hempel ou Popper. Popper e Hempel desenvolveram a lógica de argumentação racional. Na filosofia, poderíamos falar do esquema Hempel-Oppenheim, do esquema de Popper e várias discussões sobre essa explicação racional das ciências naturais. Como Hempel disse: “os historiadores usariam a mesma lógica. Eles não são tão fortes, eles não são tão complicados em suas leis e é uma explicação que se refere a leis, a leis gerais”. Você sabe que as leis colocam qualquer função de norma nas ciências naturais, mas não na história. As pessoas não falam de leis históricas. O que vem depois, isso depende do marxismo, mas uma lógica diferente, nunca menor. Hempel disse “os historiadores usam o esquema, essa lógica de explicação racional referente às leis gerais, mas as leis são simples, leis da vida cotidiana”. Isso não foi muito convincente, não foi um alívio para o trabalho racional dos historiadores. Um importante filósofo analítico, Arthur Danto publica o livro

“*Analytical Philosophy of History*”¹ no qual ele procura demonstrar que a lei, a forma básica de dar uma explicação em estudos históricos, ou no pensamento histórico é completamente diferente do esquema da lógica de explicação nas ciências naturais. A lógica de produção da explicação histórica é explicar contanto uma história. Se você alguma vez questiona, a explicação é a resposta para uma pergunta “por quê?” e a explicação histórica dá a resposta para “por que isso aconteceu no passado?”. A resposta vem em forma de narrativa. A narrativa diz: “começamos com isso e então isso acontece e isso acontece e no fim você vê que as coisas mudaram e eu conto a história dessa mudança e agora você quer saber, porque essa mudança aconteceu”. Essa descoberta muda tudo. A partir de então. Agora o que interessa é a estrutura narrativa. Essa é uma história muito longa, o que acontece com esse *narrativismo* na filosofia da história. Contar uma história é algo que traz o pensamento histórico para muito perto do trabalho de pessoas que escrevem romances e muitas vezes a narração é feita em “*fine art*”. Portanto, representantes muito proeminentes dessa filosofia formal da história “narrativística” deram ênfase à historiografia como um trabalho específico da narrativa, mas de maneira específica, no seu aspecto artístico. O mais representativo desse ramo de *narrativismo* é um erudito americano, seja filósofo ou não, é teórico da literatura. Ele não é um historiador ou filósofo profissional embora tenha trabalhado em um departamento de história, que é Hayden White. Segui-lo hoje, com esse tipo de filosofia formal, como uma análise da estrutura narrativa do pensamento histórico é muito eficaz. A terceira dimensão da filosofia da história é bastante desconhecida, digo, os fenômenos falam sobre o desconhecido. Todos conhecem um discurso sobre a memória e as humanidades, ou a tradição da teoria da “*Bildung*”. Representantes muito famosos dessa teoria da “*Bildung*”, que é um conceito teórico, portanto uma dimensão da filosofia da história, são Johann Gottfried Herder, Wilhelm Dilthey e mesmo Johann Gustav Droysen, historiador alemão que se tornou um clássico na *metahistória*. Bem, a questão é qual papel ocupa a história na realização de certos fenômenos culturais.

¹ “Filosofia Analítica da História”, em inglês.

A eficácia do conhecimento histórico, da cognição histórica nas buscas humanas. Trata-se de um verniz de conteúdos ou da formação de um tipo de subjetividade. Então, chamamos de dimensão funcional, mas podemos chamá-la de *Filosofia Pragmática da História*. Outra manifestação que raramente se chama de filosofia da história, mas que é muito eficaz é o problema da generalização nas humanidades, em um discurso de memória, não é um problema que realmente aconteceu no passado. Nós damos ao lugar de memória um papel enorme na vida humana, praticamente um organizador da vida humana. A memória é o caminho que o passado encontra para estar presente na vida humana. Não é um problema o que realmente acontece no passado. A questão é o que há na mente humana do passado, estando presente pela memória e influenciando as atividades das pessoas. Você pode chamar isso de papel Funcional ou *Pragmático*. Então, aqui temos três dimensões diferentes e a dominante hoje é a formal; a *material* como uma longa tradição, mas sendo desconsiderada epistemologicamente; e a *funcional* ainda não está estabelecida enquanto genuíno e autêntico discurso filosófico, apenas com poucas isenções. Acredito que no ano passado, um filósofo alemão, Rohbeck publicou um livro sobre a ética do futuro como um resultado da filosofia da história. Ele usou a filosofia da história como recurso para ideias éticas com orientação da atividade humana para o futuro, o que combina exatamente a filosofia da história e o elemento normativo da vida prática humana que sempre é direcionado para o futuro. Até agora as três dimensões foram tratadas separadamente e acho que a essa altura é tempo de mediar. Essa é a tentativa do meu livro: o primeiro passo na tentativa de unir essas dimensões. Para unir essas dimensões, que é a única maneira de encontrar uma resposta para a pergunta “o que é história?”. No último capítulo do meu livro, falo de cultura histórica, onde esse impacto pragmático do pensamento é analisado e é uma espécie de filosofia intrínseca e aplicada da história. Logo, nós conhecemos mais e em seguida nos tornamos mais céticos acerca do papel, do lugar do pensamento histórico na vida humana e não apenas na vida de profissionais, ou estudantes, acadêmicos.

S.D.: Então isso nos deixa à questão da consciência histórica. Existe essa primeira

parte no seu novo livro que em alemão é *anthropologische grundlagen des historischen Denkens*. Esse é um fundamento cultural do pensamento histórico. Você pode falar sobre isso?

Rüsen: Sim, claro! O livro, esse livro que você falou e o livro de 20 anos atrás pertencem a uma tradição que é definida por esses historiadores famosos, Johann Gustav Droysen, que nunca publicou seu livro, que chamou de *Historik*, estudos sobre o que é uma disciplina acadêmica. Eu escolhi essa tradição, portanto o foco da questão é entender “o que faz um historiador profissional?”, “o que é história como disciplina acadêmica?”. Acho que é muito, muito importante pensar sobre essas questões hoje, porque nesse meta-nível, o nível que a filosofia reflete o status acadêmico, a racionalidade metódica dos estudos históricos desapareceu completamente, caiu fora de vista. Porque se você fala apenas na estrutura narrativa, não entenderá mais do que pesquisa. Por que os historiadores entram nos arquivos? Por que os historiadores debatem sobre certas interpretações? Só podemos entender o que os historiadores profissionais fazem se soubermos sobre o que a história em geral é. O pensamento histórico é algo que ocorre na vida humana em muitos campos, muito diferentes, dimensões e formas muito diferentes. A forma acadêmica ou científica é apenas uma maneira de fazê-lo e está enraizada em algum procedimento mental muito básico dos seres humanos para aceitar o passado, porque o passado humano é algo que nunca está aí, então esqueça. Mas tem consequências, ainda está lá, tem a ver conosco, então não podemos evitar nos referir ao passado. Isso é universal. Nem todas as culturas possuem uma tradição historiográfica. Nós podemos comparar historiografias: a ocidental e a chinesa, por exemplo. Como essas têm uma grande historiografia. Os outros países tem um pensamento histórico, não de maneira elaborada como essa, mas todas as culturas humanas têm uma maneira mental de entrarem em acordo com o passado. A ordem para compreender, de forma muito específica, como os estudos históricos chegam a um acordo com o passo, está no saber quais são as questões gerais, qual é a lógica fundamental. Proponho então uma estratégia de reflexão sobre o que os historiadores profissionais fazem, sobre o que são os

estudos históricos, começando pelos universais antropológicos básicos da mente humana e sua relação com a experiência do passado. Com isso, o termo chave, que você já mencionou, é “consciência histórica”, o que a mente humana faz com o passado. Os primeiros capítulos do meu livro tentam dar uma resposta a isso.

S.D.: Muito bom! Professor, sobre essa dimensão formal da filosofia da história, você fala, no seu livro, sobre a relação entre o particular, que você chama *Diferença*, e a capacidade de incorporar a particularidade em uma totalidade, em alemão “*Übergreifend Sinnlichkeit*”. É uma maneira de fazer do passado um diálogo entre a particularidade e a universalidade, mas você fala de uma maneira diferente de lidar com o passado e essa é uma grande diferença entre o seu pensamento e o de Hayden White. Você pode falar sobre isso?

Rüsen: Talvez a diferença, em primeiro lugar, esteja no nível da mente humana. Hayden White está interessado no nível das estratégias literárias de dar sentido e significação para os eventos do passado. O meu ponto de partida na Teoria da História é o que eu chamaria mais fundamental, eu comecei pela maneira como os seres humanos vivem a vida em uma temporalidade permanente. Cada vida humana tem de se adaptar à mudança que ocorre. O passado, o presente e o futuro estão combinados na mente humana e é isso que chamo de *Temporalidade*. Vivemos num fluxo, um fluxo de tempo. Isso é fundamental. Aqui, passado, presente e futuro estão combinados. Na mente humana, a consciência do tempo é baseada nessa unidade pré-dada do passado, presente e futuro na temporalidade da vida humana. Existe uma experiência de mudança. Há uma expectativa no futuro e as pessoas vivem no presente, onde se referem às experiências do passado a fim de obter uma boa perspectiva do futuro. Isso é universal. A história é uma maneira muito específica de perceber isso. Voltando ao passado para entender o que está acontecendo no presente e o que podemos esperar, o que podemos fazer no futuro. Então, iniciei de noções básicas de temporalidade, do tempo como elemento da vida humana. Eu tenho um argumento básico, nós humanos somos confrontados pela experiência fundamental do tempo Isso é mudança, as coisas

mudam e fazem isso sem a nossa interferência. Temos que chegar a um acordo sobre a mudança do dia para a noite, do frio para o calor, do jovem para o velho. A vida humana é construída antropologicamente de uma maneira que os homens tem que se referir ao tempo. Os animais vivem no tempo. Eles não tentarão dar qualquer significado a isso, confiam que devem seguir as restrições da temporalidade. Os humanos tem que se referir, tem que pensar sobre isso, tem que dar um significado. Dar significado é o que leva a vida humana a essa temporalidade fundamental para a vida em geral. O tempo que muda da noite para o dia, eu chamo de “tempo natural”. Coisas acontecem, queira você ou não e é preciso entrar num acordo. Repentinamente há um terremoto, ou fogo, ou o que quer que seja e isso é um desafio para todos, é preciso reagir. É uma questão antropológica básica. Digo isso porque a compreensão do relacionamento humano com o tempo é um seguimento. Temos que aceitar esse tempo natural. Temos que morrer. Essa é uma experiência radical do tempo natural, nós temos que nascer e nós temos que morrer. Temos que dar a isso significado. Eu diria que a primeira manifestação da cultura humana é o fato de verem algo além de uma pessoa morta. Você pode dizer, de uma forma mais poética, que os homens podem colocar uma flor no túmulo de uma pessoa morta e isso é humano, os animais não fazem. O que isso significa? A morte não é a última palavra. Os homens têm que lidar com isso e caracterizo isso como uma forma de lidar com o tempo. Eu chamo de mudança do tempo natural para o tempo humano. O tempo humano acontece quando há significado e a mente humana tem que trabalhar com a mudança temporal até obter esse significado e então poder organizar sua vida de acordo com a experiência da mudança temporal. Você tem que morrer e isso é um simples fato, mas também uma provocação. Agora, você tem que dar um significado e sabemos que nas culturas humanas, exceto a nossa que não fala muito sobre a morte, a vida não acaba com a morte, é algo mais. Essa cultura é resultado da mudança do tempo natural para o tempo humano. A história é um elemento nesse procedimento de mudança do tempo natural para o tempo humano. Assim, a sequência simples de inverno, primavera, verão, outono, tem muito significado. Há poemas para quando isso muda, quando o inverno chega, quando a primavera acaba. As pessoas fazem

cerimônias. Essa é uma pré-condição para o pensamento histórico, que ocorre nessa base fundamental e envolve a mente humana para mudar do tempo natural para o tempo humano.

S.D.: Uma questão sobre a dimensão material da filosofia da história, Baumgarther entende que o conteúdo dessa filosofia material da história é a *continuidade*. Você pode falar sobre isso?

Rüsen: “Continuidade” para Baumgarther não é uma coisa material, é formal. Ele quer dizer que os historiadores colocam a sequência cronológica dos acontecimentos numa narrativa significativa. Você sabe que os eventos acontecem no tempo. Para tal, é preciso relacionar diferentes eventos os quais pertencem uns aos outros e produzir significado, conectividade. Isso é chamado *continuidade*, mas não o é porque a *continuidade* geralmente pressupõe um passado que tem o seu desenvolvimento em uma direção e não é interrompido. Não há intervalo, não há fim. Logo, é uma ideia muito específica de tempo. Mas não é o que Baumgarther quis dizer. Ele fala sobre uma inter-relação narrativa coerente de evento em sequência temporal, em uma ordem temporal e isso é coerente. Então, a categoria de coerência de Baumgarther inclui rupturas. Originalmente, nas minhas publicações anteriores, eu me limitei a tratar essa categoria de Baumgarther como uma característica ontológica do passado histórico. Eu também substituí por uma categoria mais complicada “*Zeitvorausstellung*”, ou seja, ideia da causa do tempo. Eu fiz isso para deixar claro que me referia ao tempo humano e este inclui rupturas que necessitam ganhar sentido. Isso respondeu as críticas de que eu só tratava de um tipo ocidental de tempo, enquanto o que me interessava era o tempo humano.

S.D.: Em Hegel, termos a história da razão, em Marx a História do trabalho e em Weber a história da racionalização. Como fica o diálogo com eles? Como fica a questão da racionalidade?

Rüsen: Ninguém negará que Hegel, Marx e Weber são pensadores muito

importantes. Importantes mesmo para historiadores profissionais, mas o relacionamento é complicado. Os historiadores profissionais são céticos quanto a filosofia material da história e dizem “não, temos o privilégio de fornecer um sólido conhecimento”, mas fazendo isso, indo a arquivos, eles sempre têm alguns pressupostos. Eles têm dúvidas em suas mentes. Eles têm ideias de desenvolvimento geral. Em suma, eles já esconderam a filosofia da história, mas nessa filosofia escondida, nesse pré-entendimento do que é a história geral, é sobre isso que falam profundamente esses grandes pensadores. Agora, se você quiser deixar claro que os estudos históricos são como uma forma especial de pensamento racional sobre o passado, em primeiro lugar eu diria que a racionalidade para os historiadores é a racionalidade do seu método, das raízes da pesquisa. Essa é a *racionalidade metódica* que define a história como uma disciplina acadêmica, mas não é a racionalidade a qual você se referiu. Para Hegel, a racionalidade é a substância interior da mudança da forma pela qual os seres humanos se referem ao passado. “*Die Vernunft in der Geschichte*” é o título de uma reflexão única sobre como a *Razão* é uma força em movimento no próprio passado. Os historiadores não diriam isso. Por outro lado, todo historiador precisa de uma ideia do que está em movimento, o que move o mundo humano, e isso altera o que os historiadores pensam, o que eles olham e o que eles entendem. Agora, você tem a magnitude das forças em movimento. No meu livro, eu tenho uma lista de entre dez ou vinte justaposições de elementos muito importantes que determinam a vida humana. Justaposição entre ricos e pobres, entre acima e abaixo. São tensões, contradições que movem os povos, a longo prazo, e mudam sua formas de vida. Podemos encontrar algo que coloca tudo isso movendo forças juntas e dando um significado à mudança, que nós provocamos, através dessas forças móveis. Para Hegel, é claro que é a essência espiritual do mundo, ele chama *Razão* o que usa a ganância e todas as forças emocionais dos humanos, mas traz uma forma razoável da vida humana, a “cultura”. Marx segue dizendo que a força motriz é a produção e distribuição dos produtos em estratos sociais, de modo que o diálogo entre as forças de produção e a relação de produção, *Produktionskraft und Produktionsverhältnis* é, para mim, bem simples. Há mais no mundo do que apenas

a produção, mas nunca menos. Eles tentam encontrar algo nesse tempo, nessa mudança temporal do passado que dê um significado para todos os tempos e todos os lugares. Eu penso que a Filosofia da História realmente deve fazer isso. Muitas pessoas diriam “Isso é sobre especulação”. No meu novo livro, eu proponho como podemos sintetizar todos esses elementos da vida humana. Desde que as pessoas concordem com essas contraposições de movimentos, nas quais elas tem que viver, minha proposta é pensar sobre a tendência geral do passado para o presente em busca do futuro da “humanização humana”. Agora é preciso explicar o que quero dizer com “humanização humana”, porque os seres humanos podem ser muito desumanos, mas essa desumanidade dos seres humanos é uma das mais importantes experiências da história ainda não suficientemente abordada e a desumanidade motiva a mente dos estudiosos a pedir por humanidade. Mas, claro, isso é altamente controverso. Em relação a esses grandes pensadores, eu diria: “sim, precisamos de algumas ideias fundamentais e abrangentes que trazem juntas todas as forças diferentes em movimento e trazem uma ideia do significado básico da história”.

S.D.: Então, podemos falar um pouco sobre comunicação intercultural nessa direção?

Rüsen: Sim! Esse é um dos novos elementos do meu livro. Vivemos agora em um período de globalização. Isso significa entender o que os historiadores fazem para que possamos simplesmente seguir com a tradição ocidental de fazer história. O Ocidente trouxe os estudos históricos como uma disciplina acadêmica e agora todo o mundo percebeu que há mais que uma tradição ocidental, há uma busca por reconhecimento. A China, por exemplo, tem uma longa tradição historiográfica e os ocidentais não tem ideia disso. Os chineses, a propósito, conhecem a nossa tradição, mas não conhecemos a deles. Agora, temos que verificar: a maneira ocidental de fazer história acadêmica busca integrar as diferenças culturais na compreensão histórica ou é apenas uma questão ocidental para que os não-ocidentais façam algo diferente? Eu acredito que os ocidentais se orgulhem da

ideia de que esse tratamento da história é verdadeiro para todos. Max Weber, em uma de suas metodologias, possui uma válida argumentação histórica adequada, não só para as pessoas de nossa cultura, mas para cada chinês. Essa não é uma questão específica do fazer historiográfico. Há um proeminente historiador indiano, professor nos EUA, que argumenta que a cultura indiana não conhece a história, que o indiano não tem história. Acredito que isso não está certo, mas essa é outra questão. É verdade que a Índia não tem uma grande tradição historiográfica, você pode comparar com a China e o Ocidente. Todavia, ele diz que a cultura indiana é uma cultura que não tem historiografia, então vem o ocidental e os força a fazer a história da Índia, o que ele chama de genocídio cultural. Para mim, isso não está absolutamente certo, mas menciono aqui para demonstrar o problema da diversidade cultural no plano pré-acadêmico e da maneira tradicional de lidar com o passado. O indiano faz isso de maneira completamente diferente dos chineses ou dos ocidentais. Esse é um desafio para a Teoria da História. Temos agora que pensar sobre como podemos unir a diversidade e a necessidade de princípios universais. Essa é a tarefa mais urgente da Teoria da História e, infelizmente, você não vai encontrar muitos especialistas que aceitem esse desafio e o respondam. Eu tentei no meu livro e a minha posição na meta-história é uma crítica a muitos estudiosos como sendo tipicamente ocidentais, portanto ideológicos e não verdadeiros. Qual é a alternativa? *Relativismo*. O *relativismo* nega padrões acadêmicos, você desiste de qualquer critério de verdade, então você pode escrever bons livros, mas deve deixar a universidade.

S.D.: Bom, então essa é a questão real da teoria da história. Essa divisão entre esse tipo de teoria relativista e esse outro tipo. Nós podemos falar sobre um modo de pensamento "*neopragmático*", que possui um novo critério. Nós temos um critério que é "*menschheit*"². Por outro lado, os outros, os relativistas não possuem um critério. Eles disseram: "Nós não temos unidade. Não temos história. Não temos teoria ou ideia de mudança na história". Essas pessoas relativistas simplesmente

² "Humanidade", em alemão.

entendem essa questão. Contudo, sem um critério, nós não podemos fazer ciência, produzir conhecimento.

Rüsen: - Eu estou completamente de acordo com o que você estava dizendo. A Filosofia da História é trabalhada em sua origem, a Filosofia Moderna da História tem como base a espécie humana e uma dimensão temporal. Você pode dizer: O que é história? Temporalize a humanidade. Essa é a resposta da Filosofia Moderna da História. História é temporalizar a humanidade e a humanidade é inclusiva e abrangente. Se você tem, no século XIX, exclusões e as pessoas dizem que há culturas sem história, então esqueça. Você tem uma ideia inclusiva de tipo humano e o melhor exemplo disso é a Filosofia da História, mas você não é Johann Gottfried Herder, que é um desfile do universalismo inclusivo, tem uma dimensão total, uma dimensão empírica que abrange todos os fenômenos humanos no espaço e no tempo. Ele é realmente um universalista, portanto pensa que devemos relativizar a categoria de gênero humano para a Teoria da História, na era da globalização, onde não existe mais dimensão global do fazer história do gênero humano. Agora você pode dizer que vamos incluir os animais, vamos incluir os cachorros, as plantas. Assim, se você pensar de forma humana, perderá a história. Portanto, essa tendência da desumanização na categoria de pós-humano é extremamente enganosa. Mas tem essa outra, denominada *Dimensão Normativa* que é muito importante, porque trata o pensamento histórico não apenas como um elemento empírico, mas inclui elementos normativos, uma vez que o significado inclui normas. Aqui você pode desenvolver um elemento normativo de tipo humano que é como um universal. Esse conceito de dignidade humana eu encontro no pensamento de Kant, se eu falasse chinês seguiria a filosofia de Mêncio que tem um argumento semelhante. Kant disse “todo ser humano é mais do que apenas um meio para o propósito de outros, mas o propósito dentro de si lhe dá dignidade e é verdadeiro para todo ser humano. Kant explicitamente diz “isso é verdade para a criança, para a mulher, para o louco, para cada ser humano”. Aqui você tem uma *universalidade empírica* e uma *universalidade normativa* que podem ser pontos iniciais para uma filosofia intercultural da história. Porque eu não consigo pensar

em uma cultura não-ocidental na qual esse critério de dignidade seja negado, eu nem penso nisso. A questão é a forma como a dignidade é compreendida, por exemplo, nos sistemas teocráticos. A dignidade humana é dada por Deus e é um Deus específico, se você não é tão crente, não tem dignidade, então eu posso te matar. Precisamos de um princípio secular do gênero humano em uma perspectiva normativa, porque nós conhecemos os tratamentos dos seres humanos de forma desumana. Em nome de Deus, ferimos alguns princípios básicos dos seres humanos, o que é um grande problema de controvérsia. Eu diria que vou para a comunicação intercultural com um olhar não ocidental. Esse é o meu conceito de ideia integrada, inclusiva e universalista de história e você pode aceitar ou não. Eu nunca ouvi um não, eles dizem apenas “bem, mas a ideia de dignidade é muito individualista e o individualismo ocidental podemos discutir, mas você precisa de bases comuns e o que temos em comum?”. Somos seres humanos.

S.D.: Muito bom, professor. Você poderia nos falar sobre o Tempo em Bielefeld? Sobre o tempo, a década de 1960, de 1970, quando a História Social era a grande questão e a virada na História da História na Alemanha? Que tipo de discussão havia, em Bielefeld, entre essas pessoas e Koselleck?

Rüsen: Bielefeld é uma coisa, História Social e Koselleck são outras coisas. Eu quero dizer que Bielefeld cobre ambas. Bielefeld é Koselleck e Bielefeld é história social. Todavia, Koselleck não é história social e história social não é Koselleck. Isso é algo realmente distinto. Quando fui à Bielefeld, tinha a base da minha Teoria da História quase que totalmente finalizada. Estes três pequenos, estes três livros, bem estes três volumes, estavam publicados, e os três são da década de 1980. Você pode perceber que o termo “social” ou “história da sociedade” foi escolhido, cuidadosamente, por mim. Esta nova ideia de história social é baseada na fundamental crítica à Tradicional Atitude da História Hermenêutica. Os historiadores de Bielefeld, podemos chamá-los de “Escola de Bielefeld”, onde muito dos seus proeminentes representantes nunca trabalharam, protegeram um novo conceito de realizar Estudos Históricos, na Alemanha. Eles disseram que

necessitamos *perceber* para compreender o que as pessoas faziam, e o que aconteceu a elas, no passado. Nós temos que entender a determinação ou o condicionamento da Vida Humana por fatores que não estão abertos para um entendimento hermenêutico, como um texto. Esses fatores são, principalmente, sociais e econômicos. Logo, na primeira versão da minha Teoria da História, eu realizei uma distinção no meu conceito de Método Histórico. Eu disse que existem duas formas principais de realizar uma pesquisa metodológica no método, no tratamento metodológico das fontes. Uma eu chamei de *Hermenêutica* e a outra de *Analítica*. *Analítica* e *Hermenêutica* eram alternativas. Então, eu pensei, naquele tempo, em como poderia trazer as duas juntas e, com isso, inventei uma nova palavra. Todavia, eu usei essa nova palavra para sintetizar ambas. Eu chamei de *Dialética*. Contudo, isso nunca foi aceito pelas pessoas que são interessadas em Teoria da História e, a propósito, com esse método refletindo um conjunto de regras à pesquisa histórica, que não desempenhou um papel importante na *Metahistória* por um longo tempo, os profissionais, sobretudo os estudantes, tiveram que lidar com o que significa ser um historiador profissional. Eles não têm a menor ideia sobre o que é *Método Histórico*. Os historiadores possuem um entendimento muito tradicional de crítica à fonte: a de que nós necessitamos de ir aos arquivos para vermos, realmente, o que aconteceu. Isso é generalizado e todas essas narrativas não podem negar que o pensamento histórico sólido baseia-se sobre a evidência da fonte crítica, porém isso não é mais discutido. Os historiadores de Bielefeld, sobretudo Jürgen Kocka, dentre outros, tiveram excelentes ideias sobre moldar, e mesmo desenvolver, o conceito de *Método*. Para além do campo da fonte crítica e em direção ao campo da *Interpretação*. Todavia, você não irá encontrar, atualmente, um grande consenso entre os historiadores profissionais de que a *Interpretação* é um método histórico e pertencente à racionalidade do pensamento histórico. As pessoas mais proeminentes na Teoria da História, como Ankersmith, Hayden White, Wolfgang Steiner, entre tantos outros, disseram: “Interpretação? Não! Interpretação é apenas um termo ruim. Um termo melhor seria *Representação*”, e *Representação* é a conceitualização de uma narrativa. Todavia *Interpretação* é um procedimento mental altamente racional

usado para propostas de interpretação. Contudo, não existem discussões atualmente sobre isso, e eu aprendi isso com historiadores desta geração, na qual eu também pertenço, pessoas como Wehler, Kocka e outros. Eu tentei e continuei no meu livro, e você pode ter certeza de que não será por pessoas que dirigem o discurso da *Metahistória*, este nível refletido de pensamento sobre “O que é a História?”. Teorias? Sem Problemas. Eu disse que teorias falam de “camadas de narração”, de tramas, de contar uma história. Agora, o que eu quero dizer é isso: no meu primeiro conceito de *Historik*, de *Metahistória*, eu fiz a distinção entre *Hermenêutica* e *Analítica*, e claro que isso faz muito sentido. Houve uma expansão da consciência de Estratégias Metodológicas na pesquisa histórica. As condições econômicas, assim como vários outros fatores determinantes, desempenham um enorme papel para além da compreensão do que as pessoas tinham em mente no passado, que elas entendiam. Portanto, temos que ir para além da área de interesse e para além do horizonte de compreensão das manifestações, as manifestações compreensíveis das pessoas do passado. Em meu novo livro, eu não acompanhei essas diferenças entre *Hermenêutica* e *Analítica*, e mediação chamada *Dialética*. Isso é muito artificial. Nesse novo livro, a categoria básica de *Pensamento Histórico* é a categoria de *Sentido*. *Hermenêutica* provoca *sentido*, *Analítica* provoca *sentido*. Aqui, temos a distinção entre ambas apenas se você referir-se para o procedimento básico da mente humana, em que o sentido é trazido pelos procedimentos metodológicos de pesquisa. Isso é o que eu fiz, portanto, no capítulo de método. Meu novo livro não traz muitas coisas novas. De fato, ele é mais uma versão condensada de teoria de método à pesquisa histórica. Logo, colocado nos termos de Bielefeld³, você sabe que houve uma “virada cultural”, uma “virada linguística”, uma “virada espacial”, uma “virada imaginária”. Houve uma *virada* atrás de outra. Então esqueça sobre *as viradas*, por que todo mundo inventa sua própria *virada*. A única que merece destaque é a chamada *virada cultural*, pois ela traz um novo

³ (Nota dos tradutores): Entendemos que Rüsen pretendia localizar seu debate, sobre os procedimentos metodológicos, na pesquisa histórica, dentro do campo analítico proposta pela Escola de Bielefeld, conforme identificamos na pergunta feita pelo Prof. Sérgio Duarte.

evento de compreensão, de *verstehen*⁴, hermenêutica. Então, com isso, a multiplicidade de diferenças das abordagens metodológicas, de fato não são métodos, são conceitos, como foi dito: *viradas espaciais*, *viradas linguísticas*, uma virada após a outra. Isso nunca é refletido a respeito ao método, às regras metódicas. Se não fizermos isso, se respeitarmos as regras metódicas, traremos mais clareza à compreensão do trabalho dos historiadores. Esse é o motivo pelo qual eu reclamo: a de uma enorme perda de consciência profissional das estratégias metodológicas de pensamento e cognição história. Não apenas no campo da *Metahistória*, mas no campo dos estudos históricos, em geral.

S.D.: Então, professor, há esta questão sobre ciência. Em seu novo livro, você escreveu sobre um tipo de compreensão de ciência que podemos construir, e você acha um meio de pensar sobre o *Espírito da Ciência*. Você poderia falar sobre isso?

Rüsen: Sim! Esta é a minha tentativa de fechar as lacunas entre as ciências naturais, de um lado, e as humanidades e ciências sociais, de outro. Eu não acredito no caráter científico das ciências sociais. Eles autoneameiam-se de “ciências sociais”, mas este é nome agradável porque, em um sentido anglo-saxão, isso é muito próximo das ciências naturais, e não é possível. Quero dizer, a ênfase nas ciências naturais podem fazer com que você realize previsões muito claras. Você pode dizer, exatamente, quanto será a próxima lua e o próximo pôr-do-sol. Nós sabemos isso exatamente. Por outro lado, todas as previsões da economia, como das ciências sociais, estão erradas. Elas nunca são compridas, nunca. Ao final de cada ano, um dos jornais semanais mais importantes da Alemanha, *Die Zeit*⁵, publica um esquema na qual lista as previsões de desenvolvimento econômico dos institutos de pesquisa, e os reais desenvolvimentos. Eles nunca são os mesmos. Eu sei o motivo pelos quais as ciências naturais falam sobre processos históricos.

⁴ “Compreensão”, em alemão.

⁵ “*Die Zeit*”, numa tradução literal do alemão, significa “O Tempo”.

Estes processos pródigos⁶ não podem ser previstos pois sua lógica é diferente. Portanto, a palavra “*ciência*” é extremamente enganosa. Todavia, por outro lado, eu mantenho uma ideia muito ambiciosa sobre o que podemos chamar de *ciência*, em um sentido mais extenso. Em alemão, significa “*wissenschaft*” e, mesmo em português, eu acredito, “*ciência*” significa muito mais que apenas às ciências naturais e assim, temos que dizer “o que define um caráter científico de uma disciplina?”. A fim de evitar essa perda de compreensão, eu uso o termo “*disciplinas acadêmicas*”. O que podemos chamar de *disciplinas acadêmicas*, se nos referimos ao extenso significado de uma ciência, “*wissenschaftlich*”, em alemão? Existem várias características. A primeira é uma referência sistemática em relação à experiência ou evidência. Você precisa checar, você precisa provar. A segunda é um relacionamento explicativo com os chamados *fatos* e o relacionamento explicativo significa uma alta forma de abstração destes achados de evidência e experiência. A terceira é uma estrutura argumentativa na apresentação da interpretação do que nos chamamos de *fatos* . Este precisa ser argumentativo, precisa ser aberto por argumentos. Então, você pode muda-lo, você pode até mesmo refutar, dizer que está errado. Eu penso que isso deve ser algo de interesse comum para as pessoas que pressionam este discurso, este discurso argumentativo que, em todos os interessados na plausibilidade, há um interesse comum no sentido de que você argumente de modo que tente convencer os outros. Então, isso é mais do que apenas lutar com eles. Você deve dar argumentos no sentido de que você tenha a chance de dizer , e os outros realmente te ouvirem, “Ah sim, eu penso que você está certo e eu estou errado”. Esses são alguns elementos básicos que constituem “*ciências*”. Essa não é uma definição muito precisa, mas se continuarmos, a pensar nisso, agora chegamos a alguns resultados nas quais as condições devem ser compridas, se um texto almeja reivindicar caracteres científicos. Você pode fazer uma piada e dizer “um texto que possua Notas de Rodapé já é científico”. Todavia, Notas de Rodapé são apenas uma manifestação linguística da estrutura

⁶ (Nota dos tradutores): Tendo em vista uma preocupação em manter-se a ideia proposta por Rösen, entendemos a tradução do termo *prodigal* como “pródigo”. Todavia, o mesmo pode ser traduzido como “extravagante”.

argumentativa desta forma científica de discurso. Logo, isso é apenas uma piada pois nas humanidades, pelo menos em alguns ramos das humanidades, algumas pessoas gostam muito de Notas de Rodapé.

S.D.: Bom. Professor, o senhor também, em seu novo livro, fala sobre o modo de pensar a história. Um modo seria construtivista e o outro seria pensar a história como teleológica. Você poderia falar sobre isso?

Rüsen: Claro! Agora temos essa questão de *Construtivismo* e de *Teleologia*. *Teleologia* é, claramente, uma forma muito poderosa de pensar sobre o passado e sua relação com o presente, e isso é História. *História* é essa parte do passado que pode, de certa forma, relacionada com o presente. Assim, você entende o desenvolvimento, as mudanças no mundo humano de modo que possa dizer que essas compreendem algo que já havia no mundo desde o início desta forma de vida. Assim, quando os alemães se reuniram e tiveram o sentimento de “nós somos um povo”, já começou as indicações de que, ao final, seriam uma Grande Nação, ou algo do tipo. Com isso, teleologia significa que o início é uma origem, e origem é mais do que apenas um começo. Origem é um início que atribui uma direção, onde já encontra um sentido ao desenvolvimento futuro. Por exemplo, a historiografia nacional da Alemanha, o *pós dominium* no século XIX. Eles trouxeram com ele os primeiros elementos do sentimento de juntos, pertencerem às mesmas pessoas que nas regiões que hoje são a Alemanha: as tribos germânicas. Existem alguns documentos onde podemos ver que ele tem o sentimento de “nós pertencemos um ao outro” ou desse muito famosos príncipe alemão que lutou contra os romanos, Hermann der Cherusker⁷. Para o conceito nacional da historiografia alemã, derrotar os romanos é como o início da origem da autonomia alemã. Por isso, já existem nesses eventos uma direção que é poderosa para o desenvolvimento futuro. Isso é chamado de *Teleologia*. Está claro que a lógica da *Teleologia*, no ocidente, é profundamente influenciada pelas ideias cristãs de *Tempo Sagrado*.

⁷ Príncipe alemão que lutou contra os romanos. No século XIX, acabou por transformar-se em mito, através de uma imagem romantizada de herói.

Assim, para entender o que acontece no presente, você deve voltar à origem e com isso, você enxerga que esse é o resultado de um longo desenvolvimento, onde esta direção do futuro possui um papel enorme, e o presente agora tem uma beleza, um componente de elementos que já são postos dentro das mudanças temporais desde o início. Por isso leva ao presente e atribui, a este presente, uma direção futura. Isso é muito poderoso, não apenas às histórias nacionais⁸. Atualmente, você encontra exemplos muito falados de pensamento teleológico não apenas no ocidente, mas na China. Eles sempre referem às suas origens e então, falam que isso é continuidade do desenvolvimento de milhares de anos, o que atribui sentimentos muito bons, proporcionando um orgulho de sua própria cultura. A lógica da *Teleologia* necessita ser estudada. Primeiramente, isso é outro etnocentrismo, pois é o nosso povo. Este “*thelos*” é apenas o “*thelos*” de nosso povo, e quanto aos outros? Eles não são incluídos. Quando você pode construir a teleologia da espécie humana, e o outro pode incluí-lo, mas normalmente eles excluem-no. A *Teleologia* coloca o que é próprio de seu povo no centro do mundo, e desvaloriza os outros. Eles limitam o reino⁹ de experiência dos historiadores. O que é relevante no passado? Apenas aqueles eventos que cabem na perspectiva da *Teleologia*. Contudo, o poder dela tem encolhido. Por um longo tempo e já no século XIX, já no século XVIII, você tem uma clara consciência que, entre os historiadores e filósofos que falam sobre a lógica do pensamento histórico, existem elementos construtivos. Johann Gustav Droysen, por exemplo, formulou em sua metahistória, em sua *Historik*, uma sentença muito marcante para caracterizar sobre o que a história. Ele falou, ou deu a seguinte formulação *Geschäft der vergangenheit*, que significa coisas feiras por pessoas, atos, acontecimentos, eventos, não são história. Nós os fizemos à história após palavras, aus *Geschäften wird geschichte*. Isso significa que, no momento em que aconteceu, ainda não era

⁸ (Nota dos Tradutores): Consideramos que, ao abordar o modo teleológico de pensar a História, Jörn Rüsen não se restringe apenas à História Nacional Alemã, mas expande para qualquer História Nacional.

⁹ (Nota dos Tradutores): Apesar de ser traduzido, anteriormente, no sentido de “área de atividade, de interesse”, o substantivo “realm” foi entendido aqui, no sentido pretendido por Rüsen, no sentido de “reino”, da “área de domínio do historiador”.

história, apenas na perspectiva do depois é percebido como pertencente à história, pois nem tudo que acontece no passado pertence à história, mas apenas os eventos que são relevantes, que são relevantes às pessoas do tempo posterior para entenderem a si mesmos. Nem tudo vale a pena para ser integrado na historiografia, claro. Esses são elementos de *Construção*. No primeiro livro em língua alemã, eu penso, no mínimo, como um livro marcante, onde a palavra “*ciência*” parece surgir, em meados do século XVIII, pelo filósofo Claudineus. Ele nomeou seu livro de *Geschichte Wissenschaft*¹⁰. Nesta obra, ele indica, naquele tempo, uma nova tendência na forma de pensar a história, sobre seus novos elementos para o pensamento científico. Portanto, ele utiliza a palavra “*wissenschafte*” e, neste mesmo livro, ele torna claro que cada conhecimento histórico do passado possui uma perspectiva. Não há conhecimento sem uma perspectiva e isso significa, como sempre, um limite fundamental. Logo, no início dos estudos históricos modernos, a construtividade do pensamento histórico já estava ali, mas era muito mais do que o *Construtivismo* atual, muito mais radical. Eles dizem que o *Construtivismo*, os eventos no passado, aconteceram do passado, não possuem significado histórico, são sem significado. Max Weber é um bom exemplo, quando ele disse: “Der Chaotischen Stromes von Geschehnisse, der sich durch die Zeit dahinwälzt”. Sem qualquer significado, o simples acontecimento, a simples ocorrência, os simples eventos não possuem sentido. Eles ganham um sentido pelas pessoas que refletem sobre e, quando um fato adquire uma *Habilidade Cultural* ou uma *Dimensão Cultural*, um significado histórico. Assim, *Construtivismo* significa que nós, pessoas do presente, fazemos o passado histórico. O passado, em si, não tem fala, não possui voz. Eu penso que isso é errado, por quê? O passado não é acabado. Ele ainda está presente, nomeando os resultados do que aconteceu no passado. Os resultados formam o contexto com o qual os historiadores fazem o seu trabalho. Os historiadores são influenciados pelas circunstâncias e, com eles fazendo seu trabalho. Isso é muito sobre o

¹⁰“*A Ciência da História*”, em alemão. Rüsen traduz, no inglês, para “*The Science of History*”.

construtivismo¹¹. Portanto, devemos colocar ambos juntos. O passado traz, em si, alguns elementos de sentido sobre o presente. Esses elementos, no contexto de trabalho do historiador, e o próprio trabalho desse historiador, traz um excedente na entrada de significado ao que já está pré-dado pelas condições, dentro das quais o contexto, na qual os historiadores fazem o seu trabalho. Isso claramente reflete no que os historiadores fazem, e à reflexão do sentido histórico, que é mais complicado¹².

S.D.: Então nós temos um novo tipo de pensamento histórico e, com isso, novos tipos de estratégias. É o caminho para pensar o nosso tempo. Logo, *Historik* é a habilidade de pensar o tempo humano em nosso tempo. Você pode falar sobre a relação entre *Modernidade e Historik*?

Rüsen: Claro! O que os historiadores fazem, eles fazem no seu tempo. Assim, eles são profundamente influenciados pelo seu tempo. Nós vivemos na era da modernidade, da pós-modernidade, e isso influencia a maneira com que fazemos história mas, especialmente no tempo moderno, há uma clara consciência de que existiam outros tempos, tempos pré-modernos, tempos de agitação que são fundamentalmente diferentes do nosso. Esse é o *Pensamento Histórico Moderno*. Tal perspectiva trabalha com a ideia de um *tempo temporalizado*, em que as pessoas não vivem no mesmo tempo, mas em *Tempos Modernos*. A relação entre passado e futuro é diferente do que no *Tempo Medieval*. Portanto, há muitos tempos diferentes. Nós temos que refletir e sintetizar na ideia de que o tempo muda a si mesmo. Isso é uma temporalização temporal. Isso faz uma diferença se você simplesmente disser: “século XIX ou século XV”. Os números não atribuem nenhuma diferença, apenas de maneira quantitativa, uma diferença cronológica.

¹¹ (Nota dos Tradutores): Compreendemos aqui que Rüsen pensa que, se por um lado, o passado é construído pelos historiadores, o mesmo passado tem influência na construção dos historiadores, seus construtores. Entendemos aqui, que para o Professor Rüsen, essa é a essência, o mais importante, sobre o *Construtivismo*.

¹² (Nota dos Tradutores): Averiguamos que o entrevistado, ao pensar na influência do passado no contexto do ofício do historiador, entende ser mais complicado do que isso, a reflexão do sentido histórico presente no trabalho do historiador.

Contudo, ouvindo o tempo que dissemos “isso é tempo moderno também na década de 30 ou 40”. Assim, isso é um tempo medieval e nós sabemos, exatamente, que as pessoas viveram em tempos diferentes. Os conceitos de século XIX e século XIV diferem-se, e a nossa consciência dessa diferença é o que nós sabemos sobre a mudança dos antigos conceitos de tempo para nosso conceito de tempo. Logo, *Modernidade* significa uma consciência de tempos diferentes, as mudanças do tempo para o nosso presente, abertura de uma perspectiva futura em que novos e diferentes tempos são possíveis. Nós nos esquecemos, na discussão sobre *Teleologia*, a questão da reconstrução. Eu disse que o pensamento teleológico tem perdido seu poder durante todo o século XIX, produzindo o conceito de *História Nacional*. O *telos*, a origem, sempre foi mais que apenas o início. Existe uma direção. Todavia, o pensamento histórico teve uma *virada* em sua lógica ao longo do processo, desde o século XIX até hoje. Caracteriza-se esse processo de uma mudança na origem, orientando a *Teleologia* em uma futura direção de reconstrução. A *Teleologia* presenteia profundamente, ao passado, um enorme poder para o futuro. A *Reconstrução* toma sempre um poder, abre completamente novas perspectivas futuras e, com essas, abre novas perspectivas ao passado, enriquecendo-o com abordagens à experiência e evidência histórica. Necessitamos, assim, adicionar isso à questão entre *Teleologia* e *Reconstrução*. Entretanto, *Reconstrução*, como compreendo, inclui algo do passado no trabalho reconstutivo do historiador. Algo que entra e coloca ali o papel de dizer o que o passado tem a dizer. Nós temos que ouvi-lo, temos que ouvir as pessoas do passado na hora de realizarmos nosso trabalho reconstutivo. Walter Benjamin, certa vez, disse uma frase de muita sabedoria: “*Wir sind erwartet worden*”¹³. Isso significa que as pessoas do passado, em seu papel de criar estratégias culturais à produção de um sentido para o mundo, possuem uma esperança para o futuro em que elas podem criar alguns elementos de responsabilidade para as gerações ainda não nascidas. Esse é um novo problema teórico, que possui muito sentido. Nós precisamos da

¹³ (Nota dos Tradutores): Rösen traduz esta frase de Benjamin em “*we were expected*”. Logo, podemos compreender tal citação como “nós éramos esperados”.

Psicanálise para entender o que isso significa. A Psicanálise nos ensina que nossos pais, nossos avós, já estão conosco, bem como o poder deles sobre nós antes de nos tornarmos independentes. Agora, você volta à velha geração e você tem uma cadeia na qual as pessoas do passado direcionam-se ao futuro da próxima geração. Nisso, nós combinamos com eles. Logo, eu gostaria de dizer, de um modo provocativo, que “as pessoas do passado não estão mortas da mesma forma em que elas estão vivas conosco”. Entretanto, isso nunca foi uma questão para a *Teoria da História*, infelizmente.

S.D.: Então o que eu compreendo, como um meio moderno de pensamento histórico, que é a abertura da mente para possibilidades, para pluralidades, para contingências e também causalidades. Isso é *Historik*. Professor, o que é *Cultura História*?

Rüsen: *Cultura Histórica* é o trabalho da *Consciência Histórica* na vida social, na vida humana ou na vida prática. *História Cultural* é tudo na orientação cultural da vida prática humana em que uma consciência do passado possui um papel. Ou você pode dizer, *História Cultural* é a realidade da *Consciência Histórica*. O que você preferir.

S.D.: Mas então, nós temos o pensamento histórico em diversas maneiras e, aqui, há vários caminhos de pensar o passado. A História em si mesma é um caminho, mas esse caminho está em concorrência com outros caminhos.

Rüsen: Sim. Você pode, primeiramente, entender a *História Cultural* como um fenômeno muito complexo. Ela é chamada de *memória pessoal, de memorial, de filmes*, dentre outros. Isso tudo devido à enorme complexidade e variedade desse fenômeno. Você pode dizer: “história é apenas um fenômeno ali”. Eu diria: “se você chamar de “cultura”, a *Cultura Histórica*, então você pode fazer uma diferença, você pode fazer uma distinção entre os elementos da cultura humana onde as referências ao passado não tem participação”. Isso é possível. Vamos dizer, na maioria dos esportes, futebol, a História está lá, mas ela não é uma questão fundamental ao elemento da *Cultura Histórica*. É importante realizar algumas distinções básicas ao falar sobre *Cultura Histórica*. Isso significa a referência que o passado possui na orientação cultural da vida humana. Logo, entendemos que essa

orientação pode ser feita de maneiras muito diferentes. A maneira acadêmica, que é o centro do meu livro, é apenas uma destas maneiras: a maneira cognitiva, que é através do pensamento. Todavia, existem outras dimensões ou estratégias da mente humana que abordam o passado de maneira completamente diferente. Seja em um filme, numa dimensão estética, política, religiosa, moral. Você pode ir a fundo. Agora, o ponto fundamental é que todas essas dimensões estão inter-relacionadas. Isso, nos estudos históricos, na assim chamada, abordagem científica, não existem apenas elementos cognitivos, mas há elementos estéticos e políticos que são, ao mesmo tempo, poderosos e altamente complexos. Portanto, você precisa de uma teoria muito boa para identificar estes diferentes elementos e dimensões nos diversos fenômenos da *Cultura Histórica*. Por um momento, se você fizer a distinção entre os elementos estéticos, políticos e cognitivos, você então poderá dizer: “qual é a diferença entre os estudos acadêmicos e um museu moderno?”. A relação diferença entre cognição e estética, entre consciência¹⁴ ou percepção. A relação dessas duas dimensões é completamente diferente. Tanto é fato, que se você administra um museu, na qual os elementos cognitivos são dominantes, e você coloca uma grande quantidade de textos nas paredes, para que as pessoas tenham que ler isso mais do que as Notas de Rodapé, mas você teria um museu ruim. Em um museu bom, você mostra coisas para os olhos e você entende pelo o que vê, e talvez veja, por um breve momento, o pequeno texto. Eu conheço um museu, um excelente museu histórico, sem nenhum texto. Eles terminaram o museu, todavia o texto nunca apareceu. Isso não foi deliberadamente feito, mas o museu estava inacabado e, mesmo assim, funcionou. As pessoas não perdiam sua explicação cognitiva: “isso é isso e aquilo”. As pessoas podiam olhar e perceber: “Claro, eu sei sobre o que é isso”. Este museu não existe mais, contudo a dominação da dimensão estética do cognitivo é muita para um museu. Para os estudos históricos, o caminho é outro. Aqui, há um fator dominante que é a cognição,

¹⁴ (Nota dos Tradutores): Neste caso, como em outros, é necessário compreender que, neste sentido, “consciência” não tem relação com o conceito de *Consciência Histórica*, de Rüsen, mas sim à noção de ter “saber de algo”. Tanto é fato, que a tradução daquela advém de “*awareness*”, enquanto que dessa é “*consciousness*”.

conhecimento, pensamento. Por outro lado, o fator “político” não existe como fenômeno no campo da *História cultural* sem elementos políticos. A historiografia acadêmica não é livre de política. Claro que não. Existe sempre uma política implícita, mas ela não é decisiva. Nós sabemos que existem historiadores liberais, historiadores conservadores, historiadores reacionários, e você pode identificar isso em seus trabalhos. Portanto, é preciso ter uma abordagem para o fenômeno da *Cultura Histórica* em que nós sabemos as diferentes dimensões, fatores, para estarmos hábeis em compreender o relacionamento destas dimensões, usando critérios claros para julgar e avaliar esse fenômeno. Anteriormente, eu disse: “nós podemos dizer o que é um museu bom, o que é um museu ruim”. Então, eu dei para você o exemplo de que um museu ruim é onde você tem apenas um texto explanatório na parede e poucas figuras grandes. Aquilo não era um museu bom, e você pode dizer também o que é uma historiografia boa e uma historiografia ruim. A historiografia ruim é quando o historiador queria trazer uma mensagem política ao público e usa elementos cognitivos para estabilizar a mensagem política. Todavia, você tem a sensação que isso é mais político, ou é apresentado para você assim ao invés de uma abordagem para conseguir uma maior abertura, talvez uma ideia dimensional maior do passado. Agora, nós temos uma questão mais interessante que é a *Dimensão Religiosa*. Por um longo tempo, as pessoas na Europa Ocidental pensaram que a religião era irrelevante, que não possuía nenhum papel decisivo em nossa sociedade, uma sociedade secular. Isso acabou. Agora, nós temos que saber qual é a relação entre uma *Consciência Religiosa da História* e uma *Consciência Moderna Secular*. Isso é livre? Isso é absolutamente próximo de qualquer significado religioso ou não? Isso pode ser refletido e isto é um dos problemas da teoria da *Cultura Histórica*. Os historiadores deveriam saber qual é o caminho específico, o caminho religioso específico para construir um sentido ao passado e qual é a diferença entre esse e o caminho que nós, historiadores profissionais, fazemos.

S.D.: Muito bom. Professor, o que é uma *Didática da História* ruim?

Rüsen: Bem, uma *Didática da História* ruim é uma muito simples. Você possui uma ideia de conhecimento histórico e diz: “os jovens devem saber isso, aquilo, isso,

aquilo e aquilo”. Com isso, você tem um “estoque” de conhecimento e diz: “*Didática* é a tecnologia de trazer este conhecimento armazenado para o conhecimento dos pupilos, de modo que, ao final, eles possuam esse conhecimento”. Isso é chamado de *Didática da Cópia* e, certamente, o paradigma para este conhecimento são os estudos acadêmicos, claro que em sua forma reduzida. Logo, você tem que reduzi-lo, mas o paradigma, a ideia principal já vem das disciplinas acadêmicas. Assim, *História Didática*¹⁵ é um tipo de cópia disso para os cérebros dos pupilos e estudantes, na escola. Isso é uma didática ruim, e de fato não existe em nível teórico ainda posto em prática. Talvez, ainda seja um elemento pois, se você quer saber sobre o sucesso da aprendizagem e ensino de história, você verifica o conhecimento desses humanos, mas isso não é o bastante. Conhecimento é necessário, claro. Contudo, conhecimento pode ser um conhecimento morto ou vivo. Conhecimento é conhecimento, independente se está vivo ou morto. Todavia, o que nós queremos como resultado do ensino e aprendizagem de história é conhecimento vivo. Isso nós temos dos jovens que aprenderam, pela mente aberta da história, formas de relevância, o estado de direito e claro que a questão de identidade, que sabe o que é ser um alemão, um europeu, e responda para saber o que é significa um ser humano, que é a coisa mais importante, hoje em dia.

S.D.: Bom. Professor, Koselleck tem a *Semântica da História*. Você pode falar sobre sua relação com Koselleck e sua *Semântica da História*? Isso é também uma arte da história da história.

Rüsen: Eu penso que a ideia de Koselleck sobre uma *História Conceitual*, primeiro de tudo, não tem nada haver com Teoria da História. É um trabalho histórico, historicizando a linguagem, a fala das pessoas, objetivando caracterizar suas vidas social e política. Logo, nós devemos saber algo sobre a história da palavra “família”, que “família” significava a duzentos ou trezentos anos atrás algo diferente do que nós entendemos como família hoje, ou aristocracia. A única relevância da

¹⁵ (Nota dos tradutores): Procuramos fazer a tradução mais próxima do termo utilizado por Rüsen, nesta entrevista, que foi “*History didactics*”.

*Begriffsgeschichte*¹⁶ à Teoria da História é a de que nós sabemos algo sobre a mudança histórica e o significado de alguns conceitos básicos que usamos. Por um momento, a palavra “História” possui uma longa história, porém isso é irrelevante para “o que é a História?”. *Begriffsgeschichte*, a “*História dos Conceitos*”, nos conta sobre o que as pessoas, duzentos anos atrás, entendiam por História, quando elas ouviam a palavra “História”. Todavia, a *Begriffsgeschichte* não nos conta sobre o que precisamos saber sobre o que é história, qual sua função, do que se trata. Portanto, eu faria a diferença. Koselleck teve um enorme papel na Teoria da História não pela sua *Begriffsgeschichte*, mas por suas reflexões sobre a necessidade de conceitos teóricos ao *Pensamento Histórico* e, pelas suas ideias, o que nós chamamos de “*condições de cada história possível*”. Quando ele disse: “Se nós entendemos algo como sendo histórico no mundo humano, deve-se saber que essa habilidade é possível apenas através de certas pressuposições conceituais”. Você pode dizer: “cada fenômeno, cada evento, cada coisa que aconteceu no passado, se desejamos conhecer e compreender, nós devemos usar as mesmas categorias básicas para entendê-lo”. Existe um artigo muito famoso de Koselleck, em sua discussão com Gadamer, um pequeno livro chamado “*Hermeneutics und Historik*”. Nessa obra, ele inicia o desenvolvimento de uma lista básica de *Contra Conceitos*. Koselleck nomeou de *Gegenbegriffe*¹⁷. *Contra Conceitos* possuem a caracterização da qualidade histórica da forma de vida humana. Eu dou a você um exemplo: Jovem e velho são *contra conceitos*, jovem e velho. Você pode dizer amigo e inimigo¹⁸, isso são *contra conceitos*. Nós usamos estes *contra conceitos* para localizar dimensões básicas, ou lugares, ou campos da vida humana. Para Koselleck, os *contra conceitos* de “amigo” e “inimigo” definem a política. Isso é tóxico para Carl Smith¹⁹, e isso faz muito sentido. Logo, existe uma diferença de geração entre o velho e o novo. Isso é verdade quando acontece na História.

¹⁶ “*História dos Conceitos*”, em alemão.

¹⁷ “*Contra Conceitos*”, em alemão.

¹⁸ (Nota dos Tradutores): Na entrevista, o Professor Rüsen usa o termo “*foul*” que, em uma tradução literal, significa “mal” ou “algo muito ruim”. Dado o contexto pretendido pelo entrevistado, entendemos que o mesmo poderia ser traduzido como “inimigo”.

¹⁹ Um filósofo político alemão que teve sua carreira manchada por sua proximidade com o nacional-socialismo.

Sempre existem pessoas velhas e novas. Eu fortifiquei isso e disse: “vamos fazer uma longa lista que cobre muito mais campos de experiências históricas do que Koselleck havia feito”. Eu acho que ele havia feito, eu não sei, quatro ou cinco desses contra conceitos, enquanto eu fiz algo entorno de quinze ou vinte. Você pode até fazer mais, porque quanto mais você possui, mais diferenças você pode abordar no campo da experiência histórica. Koselleck tem um limite. Ele fala apenas de condições, de possibilidades de história *Bedingungen und Möglichkeit*²⁰. Isso é apenas *história possível*. Todavia, não estamos interessando em *história possível*. Nós estamos interessados na história real, na *História Factual*. Esse passo, da *história possível* para a história real, Koselleck nunca realizou.

S.D.: Professor, o que é “Antropoceno”?

Rüsen: O “Antropoceno” é uma nova palavra que caracteriza a própria vida, no tempo do mundo humano, nosso mundo, a Terra. Ela é completamente influenciada, e mesmo determinada, pelas atividades humanas. Vamos dizer que há dez mil anos atrás você tinha as montanhas, você tinha o mar, você tinha as árvores, os animais e eles viviam suas vidas. Nisso, havia alguns humanos ao redor, nada muito relevante. Digamos que há cinquenta mil anos atrás. Hoje, o que acontece com os animais, o que acontece com as plantas, com o mar, com as montanhas, caso os humanos venham e decidam procurar por ouro, ou construir um túnel? Isso significa que estamos vivendo em um *saeculum*, em um tempo no qual a vida na Terra não depende dela, por si só, mas da espécie humana. Nós podemos destruir tudo. Nós podemos destruir todos os animais e todas as plantas. Nós podemos destruir a nós mesmos. O que nós não podemos destruir é o mar. Não podemos destruir as montanhas e não podemos destruir a Terra. Portanto, aqui estamos. A Terra está aqui. Ela possui seu próprio tempo. Entretanto, este é um tempo *pós-humano* do planeta, quando tudo que pode ser destruído por humanos, será destruído, incluindo a própria humanidade. Todavia, isso é só uma especulação.

S.D.: Mas existe um lugar, em seu novo livro, para este tipo de reflexão. A Teoria da

²⁰ “*Condições e Possibilidades*”, em alemão.

História tem que possuir esta reflexão sobre a natureza.

Rüsen: Sim! Essa é uma questão tematizada na cultura, eu digo, na história entendida culturalmente. A vida humana tem vida cultural. O corpo humano possui isso, e não é tema à História. Eu quero dizer que não temos discursos sobre o que acontece na digestão e, portanto, esses discursos apenas representam um papel. Tudo muda e possui um papel à vida humana. Isso possui sentido à forma cultural da vida humana, logo isso é interessante. Contudo, a natureza possui algo diferente da cultura, e não um problema, ou não tem sido um problema à Teoria da História nos últimos duzentos anos. No início da Filosofia da História, tudo era diferente. Em épocas da Filosofia da História, a cultura era completamente integrada. As eras iniciaram-se com as estrelas. O primeiro capítulo é nas estrelas, então podemos ver a Terra. Logo depois as plantas, os animais e então, a espécie humana, e com ela vem a História. Ainda, nós perdemos completamente nossa consciência de que, como humanos, trazemos a cultura. Cultura que é constituída por fatores culturais. Essa é a minha Filosofia da História, no livro. Ela é constituída da vinda desta cultura, com elementos conflitantes. A natureza está aqui. Nós levamos a natureza conosco. Não podemos viver fora da história, mas nós não temos ideia. Não podemos dizer o que isso significa e esse é um déficit atual da Teoria da História. Natureza, “onde está a natureza?”, e esta é apenas uma citação do Antropoceno. É apenas uma dica que se anima no momento em que até não podemos falar sobre a natureza que nos rodeia sem seres humanos. Entretanto, de qualquer maneira, não podemos falar sobre sermos humanos sem tematizar a natureza, e aqui é o limite. Aqui nós temos que iniciar um discurso totalmente novo, em minha opinião.